

EXCLUSÃO E VIOLÊNCIA SOCIAL NA PERSPECTIVA DA ESCRITORA CAROLINA MARIA DE JESUS: MULHER NEGRA, FAVELADA E MÃE SOLTEIRA

Tânia Maria Gomes da Silva*

Flávia Cristina Silva Barbosa**

RESUMO: O artigo apresenta uma discussão sobre o gênero diário, considerando as contribuições das perspectivas analíticas e as possibilidades de sentidos possíveis, a partir da obra *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, escrita por Carolina Maria de Jesus. Toma como suporte teórico a análise do discurso na perspectiva de Orlandi e Coracini. Apresenta a vida de Carolina e discute sua trajetória por meio de um olhar que se beneficia das contribuições teóricas do feminismo negro e decolonial. Pensando a teoria como uma janela que permite uma dada forma de olhar/interpretar o mundo, o texto procura estabelecer conexões entre discurso, classe, gênero e raça/etnia.

PALAVRAS-CHAVE: Análise do discurso; Literatura feminina; Exclusão; Violência social.

SOCIAL EXCLUSION AND VIOLENCE FROM THE POINT OF VIEW OF THE WRITER CAROLINA MARIA DE JESUS: A BLACK WOMAN, A SHANTY-TOWN DWELLER AND SINGLE MOTHER STATUS

ABSTRACT: The diary genre is analyzed taking into account the analytic perspectives and the possibilities of possible meanings from the literary work titled *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, written by Carolina Maria de Jesus. Discourse Analysis conceived by Orlandi and Coracini foreground the essay. Carolina's life is presented and its development discussed from the perspective of Negro Feminism and Post-colonialism. Since theory may be conceived as a window to see and interpret the world, the text establishes connections between discourse, class, gender and ethnicity.

* Doutora em História pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Docente no Programa de Pós-graduação *Stricto sensu* em Promoção da Saúde do Centro Universitário de Maringá (UniCesumar). Pesquisadora do Instituto Cesumar de Ciência, Tecnologia e Inovação (ICETI), Maringá (PR), Brasil. E-mail: tania.gomes@unicesumar.edu.br

** Mestre em Letras pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Docente nos cursos de Publicidade e Propaganda e Jornalismo do Centro Universitário Metropolitano de Maringá (Unifamma), Brasil.

KEY WORDS: Discourse analysis; Feminist Literature; Exclusion; Social violence.

INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta uma discussão sobre o gênero “diário”, considerando as contribuições das perspectivas analíticas e as possibilidades de sentido a partir da obra *Quarto de Despejo*, escrito por Carolina Maria de Jesus, na perspectiva da Análise de Discurso (ORLANDI, 2012; CORACINI, 2003). Trata-se de uma obra que tem sido analisada sobre diferentes vieses: literatura feminista (BONNICI, 2005), realismo etnográfico (VOGT, 1983), escrita de si ou diário documental (MILAN, 2016). Embora tenha tido um sucesso fugaz, **Quarto de despejo** é uma obra muito revisitada por autores de campos que extrapolam o campo da narrativa literária (PALMA, 2017). Não fosse Carolina uma mulher pobre e negra, num país onde o machismo, o racismo e o sexismo se entrelaçam, talvez sua literatura fosse equiparada aos grandes cânones da literatura nacional.

A escritora Livia Natália, entrevistada por Frederico, Mollo e Dutra (2017), afirma que ser uma autora negra demarca um lugar de onde se fala. Carolina é, tomando as palavras de Natália, uma mulher negra escrevendo. Mas não só, porque seu texto é também permeado por outros espaços de fala. Na integralidade, é uma mulher negra, pobre, favelada e mãe solteira - todos estes atributos de desqualificação – narrando sua cotidianidade.

Admite-se como certo que o cânone literário é marcado pela valorização de determinados pertencimentos e a dificuldade de publicação de textos marginais pelas grandes editoras torna difícil a inserção, na cena poética brasileira, de nomes que estão à margem, (SILVA; ALMEIDA, 2017). As autoras ressaltam a importância de estudos sobre a literatura escrita por autores e autoras vindos da periferia, dadas às dificuldades que lhes são impostas para obter reconhecimento no meio acadêmico e literário.

O texto de Carolina tem grande importância por permitir conhecer experiências de exclusão na perspectiva do próprio sujeito excluído, desaparecendo os filtros intermediários que, conscientemente ou não, maculam os discursos das

classes menos favorecidas e, ainda mais, quando se trata de uma voz feminina. Considere-se, ainda, que o texto de Carolina estabelece uma relação entre gênero, classe e raça/etnia, validando uma das abordagens feministas mais atuais da contemporaneidade, a interseccionalidade (LUGONES, 2014).

O termo interseccionalidade tem sido usado para designar a interdependência das relações de poder de raça, sexo e classe desde os anos 2000, mas é o resultado de uma discussão que tem início nos países anglo-saxônicos a partir da herança das lutas do feminismo negro, que têm início nos anos 70 e se consolidam nos anos 90. O conceito tem permitido a elaboração de estudos que levam em conta as múltiplas fontes de identidades dos sujeitos, embora não tenha como pretensão propor uma nova teoria global da identidade (HIRATA, 2014; BLACKWELL, 2002). Para Hirata (2014), a interseccionalidade é uma das formas de combater as opressões múltiplas e imbricadas, como um instrumento de luta política.

Cada vez mais cresce a consciência tanto no mundo acadêmico quanto fora dele de que as vozes de mulheres negras, indígenas, lésbicas, moradoras do eixo sul-global e à margem do *mainstream* precisam ser ouvidas e validadas. A polifonia de vozes vem sendo, portanto, a marca dos feminismos contemporâneos, visando justamente vencer as críticas que o movimento recebeu por ter privilegiado no seu nascedouro demandas exclusivamente voltadas a um grupo de mulheres brancas, heterossexuais e de países desenvolvidos, desconsiderando outras experiências e subjetividades (HOOKS, 2015; HIRATA, 2014; BLACKWELL, NABER, 2002).

Como afirma Davis (2017), a principal diferença no combate das mulheres trabalhadoras na luta pela igualdade e a luta das mulheres burguesas era que enquanto estas se colocavam contra os homens de sua classe, as trabalhadoras precisavam se unir àqueles mesmos que as oprimiam, a fim de travarem uma batalha comum contra a ordem capitalista que ainda mais as subjugava.

Este artigo propõe uma breve abordagem do diário poético de Carolina de Jesus, buscando subsídios teórico-metodológicos nas propostas discursivas de Orlandi (2012) e Coracini (2003). O texto permite um entrelaçamento com os estudos de classe, gênero e raça/etnia, notadamente na perspectiva de estudos descoloniais, buscando atentar para as experiências e direitos de indivíduos que não se encontram representados nos espaços de cidadania propostos pela modernidade,

formando essa combinação de elementos que, na perspectiva de Lugones (2014), recebe o nome de espaços transdisciplinares decoloniais.

2 O GÊNERO DIÁRIO E A ESCRITA DE SI

O diário, muitas vezes, é visto como um gênero que fala sobre a vida cotidiana. De estrutura não muito previsível, a princípio, é caracterizado por narrativas e relatos envolvendo experiências vivenciadas ou presenciadas por quem escreve. Por isso, muitas vezes, o diário é considerado um gênero confessional (BRANCO, BUNGART NETO, 2017). O diário que é apresentado para análise – **Quarto de Despejo** – foi escrito com base em fatos reais, ou seja, tanto personagens quanto referências espaciais e sociais podiam ser encontradas no âmbito da realidade. Porém, essa não é uma regra para o gênero diário: há histórias que seguem tal estrutura e são casos de ficção, ou seja, o narrador da história nem sempre coincide com quem escreve a história, nem os fatos coincidem com a realidade (MILAN, 2016).

Talvez a característica que mais marque o gênero diário, primeiramente, seja a data em cada seção de relatos. O registro dos ocorridos são, na maioria das vezes, relativos a um dia, ou seja, o tempo no diário é relativamente curto, pois as experiências são registradas assim que realizadas ou observadas. Por se referir a experiências já vividas, grande parte dos verbos está conjugada no tempo pretérito (embora não se refira a um passado distante como memórias). Objetiva-se estabelecer uma cronologia coerente com o desenrolar das ações, dentro de uma sequência lógica, de acordo com a proposta da história, seja esta baseada em fatos reais ou fictícios (CASARIN, 2007).

Para Duarte, Gaia e Torres Filho (2017), o diário é um gênero discursivo que se insere em dinâmicas próprias que integram o estatuto social e histórico, tendo a finalidade de comunicação. Trata-se de uma escrita reflexiva que busca desenvolver o pensamento a partir da narrativa da própria ação do sujeito, sendo marcada por uma escrita do “eu” que se dá sem interlocutor, a não ser o próprio sujeito do discurso. Os autores ressaltam que sempre houve interesse por essa forma de escrita, porque o diário possibilita que se compreendam aspectos importantes e reveladores da

existência de uma pessoa, ajudando no entendimento de uma determinada época e sociedade.

3 CAROLINA MARIA DE JESUS E A LITERATURA MARGINAL

Carolina Maria de Jesus nasceu na cidade de Sacramento, em Minas Gerais, no mês de março de 1914 e faleceu em fevereiro de 1977, aos 62 anos, na cidade de São Paulo. Poetisa, pobre, negra e favelada, escreveu oito obras, sendo **Quarto de despejo: diário de uma favelada**, a mais conhecida delas. Publicado em 1960, pela Livraria Francisco Alves, a obra contou com 10 mil exemplares na sua primeira edição e se esgotou na primeira semana de lançamento. Sua tradução foi realizada em 13 idiomas e vendida em mais de 40 países. Só nos primeiros seis meses no Brasil, alcançou a quantia de 06 mil exemplares vendidos. Seu lançamento foi noticiado pelas principais revistas da época: *Life*, *Paris Match*, *Réalité* e *Times* (VOGT, 1983).

Carolina viveu em Minas Gerais até os 23 anos, quando se mudou para São Paulo, após a morte da mãe. Aí trabalhou como doméstica. Depois, grávida do primeiro filho, terminou não sendo aceita no serviço e se mudou, com a criança, para a favela do Canindé às margens do rio Tietê. Sem jamais se casar ou ter companheiro fixo, teve mais dois filhos, cada um de um pai diferente, uma trajetória de vida muito similar a de outras tantas mulheres pobres do país (PALMA, 2017; PENTEADO, 2016; CORONEL, 2014).

A descoberta de Carolina se deu graças ao jornalista Audálio Dantas, encarregado de uma reportagem sobre uma “favela que se expandia na beira do rio Tietê, no bairro do Canindé”. Conta o autor que, em meio ao “rebuliço favelado”, encontrou Carolina, a negra que tinha algo a dizer. Segundo ele, ao se deparar com “uns vinte cadernos encardidos que Carolina guardava em seu barraco” desistiu, na mesma hora, de escrever a reportagem, pois “repórter nenhum, escritor nenhum poderia escrever melhor aquela história – a visão de dentro da favela” (DANTAS, 2005, p. 19).

Carolina Maria de Jesus era considerada “semianalfabeta”. Com escolaridade até o segundo ano do ensino fundamental, ela rompe com a própria definição do

que seja um “escritor/escritora”. Os sentidos naturalizados da concepção desse termo é a de um sujeito formalmente culto, devidamente instruído e que domina as normas gramaticais. A personagem em questão não se adequava a isso.

Não é difícil entender a razão do sucesso da obra de Carolina de Jesus. Segundo Penteado (2016), nas décadas 50 e 60 havia grande interesse em toda a América Latina pelos movimentos de massa e pela voz dos excluídos, fazendo com que a favela e seus dramas particulares fossem temas caros aos intelectuais e seus leitores, levando a narrativa testemunhal e cotidiana dos miseráveis a ganhar o status de gênero literário. Além disso, continua, a interferência de Cuba foi fundamental nesse processo, especialmente por meio do concurso literário *Casa de las Americas*. No nascente Estado comunista, letrados de esquerda, quase sempre ligados a movimentos sociais, faziam parceria com iletrados ou semiletrados para coleta de depoimentos etnográficos, em que o excluído narrava oralmente sua vida a um sociólogo, jornalista ou antropólogo, que se encarregava da escrita e levando essas memórias autobiográficas a ganharem status de literatura (PENTEADO, 2016).

Entretanto, apesar desse deslumbramento inicial, a narrativa de Carolina de Jesus foi rápida. Os livros que escreveu após a obra aqui analisada não alcançaram o mesmo sucesso deste. Assim, nem mesmo um autor que tentou ser sensível às vozes das minorias, como Alfredo Bosi, atentou efetivamente para o trabalho dessa autora. Somente na década de 1990, ela seria ressuscitada em função de pesquisas universitárias nas áreas de sociologia, história e literatura, realizadas por autores vindos da periferia de São Paulo e que retomaram o antigo interesse pela voz dos excluídos que havia marcado as décadas de 1950 e 1960 (PENTEADO, 2016).

4 PERSPECTIVAS DE LEITURA: PROPOSTA DISCURSIVA

Falar de leitura é despertar saberes naturalizados sobre essa atividade. Dizeres que podem estar relacionados à decodificação, à interpretação, à produção de sentidos, ou mesmo como uma forma de ampliação do horizonte de conhecimentos do sujeito leitor. Orlandi (2012) afirma que o próprio termo “leitura” é polissêmico, pois coloca em funcionamento vários sentidos possíveis para essa atividade. Em um

aspecto mais amplo, ler pode significar “atribuir sentidos” ao texto, ou mesmo uma forma de concepção de uma dada “realidade”. É o que Orlandi (2012) denomina de “leitura de mundo”.

Além destas, emergem outras ideias norteadoras dessa temática, como acontece no âmbito acadêmico, em que leitura(s) significa(m) também “a construção de um aparato teórico-metodológico de aproximação de um texto” (ORLANDI, 2012, p. 7). Já em um contexto mais restrito, um dos sentidos mais arraigados à questão da leitura é o aspecto formal da alfabetização, leitura no seu estatuto de aprendizagem, adquirida na escola (ORLANDI, 2012).

Ao longo dos anos, procurando (re) pensar as abordagens de leitura, as teorias da linguística fornecem subsídios para considerar o texto a partir de perspectivas diferentes. A transformação social vai, pouco a pouco, influenciando novas formas de língua(gem), o que repercute, inclusive, na produção e na leitura de gêneros discursivos e textuais determinados e variados para suprir as necessidades comunicativas de um dado contexto, em uma dada conjuntura.

Fazendo um recorte teórico a respeito dos modos de se conceber a leitura, observa-se que o texto é visto, para a análise do discurso, como uma materialização que permite analisar o funcionamento do discurso, de ideologias, sentidos naturalizados que significam socialmente. Os sentidos estão sempre em uma relação com os dizeres naturalizados socialmente, ou seja, um discurso está dependente de outros, e, se fazem sentido, é porque já foram significados em outros momentos sócio-históricos, em outros discursos e situações. Na análise do discurso o sujeito não é capaz de controlar os sentidos que determinado texto, atuando como discurso, coloca em funcionamento na sociedade (ORLANDI, 2012)

Empreender essa outra forma de leitura – discursivamente – é considerar que a produção de sentidos de um texto/discurso é dependente do que é dito em um discurso e o que é dito em outro, e o modo como se diz, pois o enunciado implica o que foi dito, mas também o não dito, como a presença de algo que se encontra ausente (ORLANDI, 201).

Dessa maneira, a leitura não é transparente para a análise do discurso, pelo contrário, é opaca. Nela estão inscritos sentidos relacionados ao simbólico, ao político, ao social. Não há produção de sentidos se não há interpretação. É por meio

desse mecanismo que na interpretação o sentido de um determinado texto surge de maneira evidenciada, como se ele estivesse sempre estado lá (ORLANDI, 2012).

Outro ponto determinante da proposta discursiva é a negação da interação, conceito recorrente em outras teorias sobre texto e leitura, como no dialogismo, por exemplo. A interação, para Orlandi (2012), só é possível pelo jogo existente entre o leitor real e o leitor virtual. O que, para a autora, já é uma crítica aos que falam da interação com o texto, pois os sujeitos, nessa perspectiva, interagem com outros sujeitos “mediados pelo texto”, e não com o texto verbal.

Desse modo, quem fala, de onde se fala (posição discursiva) em que condições de produção se fala são elementos significantes na interpretação de um texto/discurso. Dentro desse contexto sócio-histórico, relativo às condições de produção, tem lugar o interdiscurso, que é o saber discursivo, possibilitando novos dizeres e ao mesmo tempo fazendo retornar já-ditos, provenientes de diferentes momentos na história e de diferentes lugares sociais, no interior de uma formação discursiva (FERNANDES, 2007).

Assim, a produção de um texto está norteada, sempre a partir do que pode ou não ser dito em dadas condições de produção. Esse mecanismo é denominado por formação discursiva. No interior das formações discursivas estão inscritas as ideologias. A ideologia é uma concepção de mundo elaborada por um determinado grupo social, em uma circunstância histórica, que produz seus efeitos, toma forma na linguagem e funciona como discurso. Se o discurso produz sentido é porque incita interpretação dos sujeitos sociais (PEIXOTO, ALENCAR, FERREIRA, 2018).

Trabalhar com análise do discurso é tentar entender e explicar os procedimentos pelos quais um texto produz sentidos e se relaciona e com a exterioridade: história e sociedade são constituintes do discurso. O discurso é um objeto, ao mesmo tempo, linguístico e histórico e entendê-lo requer que se faça a análise simultaneamente desses dois elementos (CORACINI, 2003).

Orlandi (2012) também aborda a leitura na perspectiva discursiva, considerando que o objetivo dessa perspectiva é compreender como um objeto simbólico coloca em funcionamento determinados sentidos, como esses sentidos se inscrevem no que é social, como a linguagem e os sujeitos estão afetados e constituídos do que é exterior ao texto. Essa compreensão, por sua vez, implica em

explicitar como o texto organiza os gestos de interpretação que relacionam sujeito e sentido, produzindo novas práticas de leitura.

Observa-se que a produção de sentidos não é espontânea, mas sempre dependente das condições de produção de um discurso. Para Orlandi (2012), há um corpo social com poderes de atribuir sentidos às coisas. Dessa maneira, as posições discursivas são extremamente relevantes para a produção de sentidos, pois elas falam, elas significam, elas constituem os discursos e os sujeitos sociais. O sujeito é constituído por diferentes vozes sociais, podendo mudar constantemente a posição discursiva de onde enuncia, colocando ideologias em funcionamento, manifestadas por meio da linguagem.

Portanto, ler/analisar um texto discursivamente é se propor, ao mesmo tempo, ao trabalho com a desestabilização do óbvio, do claro, do transparente. Todo texto/discurso traz no bojo de suas formulações ideologias que opacizam sentidos, que colocam outros em funcionamento, sempre retomando dizeres naturalizados que funcionam no espaço social, que também é político, com o status de “verdade”. Ler um texto sob essas condições é pensar como os sentidos circulam e são retomados socialmente (ORLANDI, 2012).

O livro **Quarto de Despejo**, conforme já dito, foi escrito na década de 1950, época em que, presume-se, havia outras formas de se lidar com a linguagem, que afetavam a leitura e a escrita. Além do mais, pensando no contexto da época, o papel era a forma mais acessível para que alguém pudesse escrever, adquirindo-o pela compra ou mesmo reaproveitando o papel usado para outras finalidades.

Com as novas tecnologias surgiram outros gêneros discursivos com leitores diversificados. Porém, observamos que em meio a vários outros gêneros há alguns que apresentam semelhanças à estrutura do diário. O blog pessoal, por exemplo, pode cumprir a função de uma espécie de diário virtual, em que quem escreve se apropria ou se aproxima dos elementos contidos no diário, como o relato, a intimidade, fatos diários etc. Entretanto, cada um tem a sua especificidade. Enquanto no diário a data tinha de ser marcada juntamente com a descrição das atividades realizadas, no blog e no meio digital da internet as datas são vinculadas automaticamente à postagem (DUARTE, GAIA, TORRES FILHOS, 2017).

O trabalho com diários de outros momentos históricos, tal como o **Quarto**

de Despejo, possibilita a articulação da leitura de outros textos, levando em conta as características de cada gênero, mostrando ao leitor que um gênero pode não ser estritamente delimitado, mas se constituir pela própria ausência de uma categoria e estruturas bem especificadas.

5 PEQUENO RECORTE DO QUARTO DE DESPEJO: PROPOSTA A PARTIR DA ANÁLISE DO DISCURSO

Pela extensão da obra apresenta-se um recorte de dois dias do diário de Carolina Maria de Jesus. Os fragmentos selecionados se justificam por falarem, não apenas de fatos particulares da autora, mas também por mobilizar uma série de dizeres sobre o contexto da favela, sobre os sujeitos sociais pertencentes a esse espaço e sobre os dizeres vinculados a política, construindo um conjunto significativo na leitura do texto.

15 de Maio:

Tem noite que eles improvisam uma batucada e não deixa ninguém dormir. Os vizinhos de alvenaria já tentaram com abaixo assinado retirar os favelados. Mas não conseguiram. Os vizinhos das casas de tijolos diz:

- Os políticos protegem os favelados.

Quem protege é o povo e os Vicentinos. Os políticos só aparecem aqui nas épocas eleitorais. O senhor Cantidio Sampaio quando era vereador em 1953 passava os domingos aqui na favela. Ele era tão agradável. Tomava nosso café, bebia nas nossas xícaras. Ele nos dirigia as suas frases de viludo. Brincava com nossas crianças. Deixou boas impressões por aqui e quando candidatou-se a deputado venceu. Mas na Camara dos Deputados não criou um projeto para beneficiar o favelado. Não nos visitou mais.

Eu classifico São Paulo assim: o Palácio, é a sala de visita. A Prefeitura é a sala de jantar e a cidade é o jardim. E a favela é o quintal, onde jogam os lixos.

A noite está tépida. O céu já está salpicado de estrelas. Eu que sou exótica gostaria de recortar um pedaço do céu para fazer um vestido. Começo ouvir uns brados. Saio para a rua. É o Ramiro que quer dar no Senhor Binidito. Mal entendido. Caiu uma ripa no fio da luz e apagou a luz da casa do Ramiro. Por isso o Ramiro queria bater no senhor Binidito. Porque o Ramiro é forte e o senhor Binidito é fraco.

O Ramiro ficou zangado porque eu fui a favor do senhor Binidito. Tentei

concertar os fios. Enquanto eu tentava concertar o fio o Ramiro queria expandir o Binidito que estava alcoolizado e não podia parar de pé. Estava inconciente. Eu não posso descrever o efeito do álcool porque não bebo. Já bebi uma vez, em caráter experimental, mas o álcool não me tonteia.

Enquanto eu pretendia concertar a luz o Ramiro dizia:

- Liga a luz, liga a luz sinão eu te quebro a cara.

O fio não dava para ligar a luz. Precisava emendá-lo. Sou leiga na eletricidade. Mandeí chamar o senhor Alfredo, que é o atual encarregado da luz. Ele estava nervoso. Olhava o senhor Binidito com desprezo. A Juana que é esposa do Binidito deu cinquenta cruzeiros para o senhor Alfredo. Ele pegou o dinheiro. Não sorriu. Mas ficou alegre. Percebi pela sua fisionomia. Enfim o dinheiro dissipou o nervosismo.

17 de Maio:

Levantei nervosa. Com vontade de morrer. Já que os pobres estão mal colocados, para que viver? Será que os pobres de outro País sofrem igual aos pobres do Brasil? Eu estava discontente que até cheguei a brigar com o meu filho José Carlos sem motivo.

Chegou um caminhão aqui na favela. O motorista e o seu ajudante jogam umas latas. É linguiça enlatada. Penso: É assim que fazem esses comerciantes insaciáveis. Ficam esperando os preços subir na ganância de ganhar mais. E quando apodrece jogam fora para os corvos e os infelizes favelados.

Não houve briga. Eu até estou achando isto aqui monótono. Vejo as crianças abrir as latas de linguiça e exclamar satisfeitas:

- Hum! Tá gostosa!

A Dona Alice deu-me uma para experimentar. Mas a lata está estufada. Já está podre.

Em termos de análise do discurso, a linguagem usada por Carolina Maria de Jesus aponta para algo que é discursivo. Ao escrever ora de forma coloquial ora ornamentada, a autora está também transitando entre posições discursivas diferentes. A linguagem simples e informal é usada para fazer relatos do ambiente e das pessoas da favela, e, por isso, faz referência ao cotidiano, de Carolina Maria de Jesus. Em contrapartida, o uso de termos mais elaborados dá o tom literário à obra: no imaginário social, escritor é aquele que domina as palavras e sabe combiná-las harmoniosamente. Esta estratégia pode ser percebida no trecho: “a noite está tépida. O céu já está salpicado de estrelas. Eu que sou exótica gostaria de recortar

um pedaço do céu para fazer um vestido”.

A oscilação entre essas posições discursivas também é resultado das formações imaginárias, que para Orlandi (2012), são resultados de processos discursivos anteriores. A todo o momento o imaginário sobre ser escritor funciona: de um lado, para Carolina Maria de Jesus, pela recorrência, por exemplo, de hipercorreção ao longo do diário (como em “eleitoraes”). E de outro, para o leitor do texto: as condições socioeconômicas e culturais da autora configuram-se, pelo imaginário social, como impossíveis de serem aceitas para alguém que detivesse apenas o segundo ano do primário.

Talvez esse contraste presente na escrita de Carolina Maria de Jesus tenha atraído “os consumidores fascinados pela novidade”, que se apresenta como inusitada, pois é uma “negra semi-analfabeta que alcançara o estrelato”, pela importância do seu depoimento sobre a favela e “sua paradoxal beleza” (DANTAS, 2005, p. 36).

Na leitura, é necessário considerar que o texto revela a produção histórica de identidades, retomando a representação da mulher, da mulher negra, do favelado. Representações essas que implicam relações de poder. E mais, que revelam a representação da identidade desses sujeitos funcionando socialmente. A identidade como tendo sua existência no imaginário do sujeito é uma relação social, que implica à sua definição, linguística e discursiva, vetores de força, relações de poder. Assim, a identidade é construída socialmente por sujeitos ou instituições associadas a uma ideia de maior poder (DAVIS, 2017).

A memória discursiva tem papel fundamental para que os dizeres produzam sentido, pois ela recuperara os sentidos naturalizados. A mulher, negra, favelada ganha significação ao longo do texto, sempre em uma relação íntima com o contexto de produção do discurso. Retomando as condições de produção daquela época, havia a delimitação de tarefas destinadas à mulher, como a responsabilidade para com o lar, com os filhos, com o marido. Carolina Maria de Jesus rompe com esses dizeres convencionados pela sociedade, por ser mãe, mas não ter marido, e por ela mesma ter de trabalhar e sustentar os filhos – papel, que naquele momento sócio-histórico, era visto como próprio ao homem. É Carolina a responsável pela casa, como observamos no trecho: “Tentei concertar os fios” (JESUS, 2005, p. 33).

A memória também coloca em funcionamento o efeito de crítica à política no discurso de Carolina Maria de Jesus. Esse efeito é, para a análise do discurso, sustentado pelas condições de produção que dão subsídios a esses dizeres da autora. Orlandi (2012) assevera que as condições de produção de um discurso estão intimamente ligadas às relações de sentidos, já que um discurso dialoga com outros, inclusive os que circulam à margem do dizer, em um processo contínuo. Os sentidos em funcionamento sobre a política em o **Quarto de Despejo** estão presentes e funcionam até hoje em nosso país. A noção de um governo que falha em termos de política está sempre retornando e sendo ressignificada, nos mais diferentes contextos (SILVA, 2010).

No fragmento do dia 15 de maio, o discurso de Carolina sobre a política funciona retomando a imagem negativa que circula socialmente: de que os políticos precisam causar uma “boa impressão” para serem eleitos. As campanhas políticas brasileiras são marcadas por promessas de melhorias para a vida da população, principalmente para a população que tem menor poder aquisitivo e mais depende dos serviços públicos.

Quem tem poder aquisitivo mora na cidade, ou, como denomina a autora, na “sala de estar”, enquanto quem não dispõe de recursos mora em lugares à margem dessa sociedade (capitalista), na periferia, na favela, com poucos recursos e pouca atenção por parte de instituições públicas. Esse fato estabelece uma ponte com os dizeres naturalizados sobre a política que funcionam no texto: a favela onde Carolina Maria de Jesus morava era visitada por políticos apenas durante períodos de campanha em que o candidato deve apresentar as propostas de campanha, tais como a melhoria das casas e do saneamento básico, das condições de vida e subsistência para as pessoas que habitam essa região.

O texto de **Quarto de Despejo** está inserido em uma formação discursiva que produz sentidos sobre a exclusão, ao mesmo tempo em que coloca Carolina Maria de Jesus no mesmo lugar de outros sujeitos também excluídos socialmente. Para Orlandi (2012), as formações discursivas se constituem pela contradição, sendo heterogêneas nelas mesmas, possuindo fronteiras fluidas, configurando-se e reconfigurando-se continuamente em suas relações. A sociedade está dividida em classes desiguais, separadas principalmente, pela renda, pelo poder de compra.

Quem não tem poder de compra ocupa o espaço que, metaforicamente, Carolina Maria de Jesus chama de quarto de despejo, onde são depositados “objetos” e “coisas” que não cabem na sociedade.

Ocorre, dessa forma, a coisificação dos moradores da favela, que têm sua identidade apagada em meio a uma sociedade de consumo: o lugar da favela, no diário, representa o lugar onde se joga o que não tem mais utilidade: “Eu classifico São Paulo assim: o Palácio, é a sala de visita. A Prefeitura é a sala de jantar e a cidade é o jardim. E a favela é o quintal, onde jogam os lixos.” (JESUS, 2005, p.46).

Em contraposição, Carolina Maria de Jesus se faz vista pela escrita, elemento este que tem sido, ao longo dos séculos, um marcador de distinção.

Para a análise do discurso, a voz da narradora é vista como uma voz constituída socialmente, uma voz que representa várias pessoas submetidas às mesmas condições precárias no ambiente da favela. O discurso de o **Quarto de Despejo** pode ser lido como um fragmento de uma memória coletiva da vivência em favela. Ao enunciar, todo indivíduo é interpelado em sujeito (ORLANDI, 2012), retomando outros discursos, outras vozes, outros sentidos.

Dessa maneira, quem lê não está dialogando com o texto, mas o diálogo é estabelecido entre sujeitos sociais. Quem enuncia não é apenas Carolina Maria de Jesus, mas todo o seu lugar social (e discursivo). Da mesma forma, a produção de sentidos, para quem lê, estará muito dependente das ideologias em confronto, dos dizeres naturalizados, das condições de produção e de leitura também.

Na análise do discurso o texto, considerado como discurso, estabelece uma rede de filiações a outros discursos, a outros textos, produzidos em outras condições de produção, por outros sujeitos sociais. Os sentidos possíveis em o **Quarto de Despejo** também são materializados em outros trabalhos, de outras formas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pelo trabalho realizado até aqui, observa-se que a maneira de se trabalhar o texto influencia a produção de sentidos. Pelo viés discursivo, a autora de **Quarto de despejo: diário de uma favelada** assume uma voz de sujeito social. Suas denúncias

sociais são construídas a partir de vários discursos interpelados ideologicamente. Estes se enunciam a partir de um lugar social, tocando, inclusive, no que se refere à memória discursiva e produzindo sentidos. Nesse aspecto, a análise do discurso oferece possibilidades de reflexão sobre a geração de sentidos que são oferecidos pelos textos. Da mesma maneira, permite realizar uma leitura de vários contextos sociais que se alteram de texto para texto e se (re) configuram no discurso.

Os tempos atuais são sombrios, com uma enormidade de sujeitos postos à margem social. Paradoxalmente, os tempos são também de esperança, porque vozes denunciantes como as de Carolina de Jesus têm cada vez mais pujança.

REFERÊNCIAS

AUAD, D.; CORSINO, L. Feminismos, interseccionalidades e consubstancialidades na Educação Física Escolar. **Rev. Estud. Fem.** 2018, vol.26, n.1. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2018000100701&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 13 set. 2018.

BLACKWELL, M.; NABER, N. Interseccionalidade em uma era de globalização: As implicações da Conferência Mundial contra o Racismo para práticas feministas transnacionais. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 189-198, jan. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php?>>. Acesso em: 03 ago. 2018.

BRANCO, M.R.; BUNGART NETO, P. Literatura íntima: que mistérios tem o diário de Alice? **Revista Entrelaces**, v. 2, n. 9. Jan./Jun. 2017. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufc.br/entrelaces/article/viewFile/9314/30629>>. Acesso em: 2 set. 2018.

BONNICI, T. Teoria e crítica pós-colonialistas. In: BONICCI, T.; ZOLIN, L. O. (Org.). **Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. 2. ed. revista e compilada. Maringá: Eduem, 2005. p.223-239.

CASARIN, L. A. **O professor PDE e os desafios da escola pública paranaense: produção Didático-Pedagógica**. Paraná, Brasil: Secretaria de Educação, 2007.

CORACINI, M. J. R. F. Análise do Discurso na Linguística Aplicada. In: CASTRO, S. T. R. de. **Pesquisas em LA: novas contribuições**. Taubaté: Cabral, 2003. p. 17-33.

CORONEL, L. P. A censura ao direito de sonhar em Quarto de Despejo, de Carolina Maria de Jesus. **Estudos de literatura brasileira contemporânea**, n. 44, p.271-288, jul./dez. 2014, Disponível em: <http://www.scielo.br/readcube/epdf.php?doi=10.1590/2316-40184412&pid=S2316-40182014000200013&pdf_path=elbc/n44/a13n44.pdf&lang=pt>. Acesso em: 22 set. 2018.

DANTAS, A. A atualidade do mundo de Carolina. In.: JESUS, C. M. de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. 8. ed. São Paulo: Ática. 2005. (Série Sinal Aberto).

DAVIS, A. **Mulheres, cultura, política**. Tradução Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2017.

DUARTE, F. K. L.; GAIA, R. V.; TORRES FILHO, J.G. Eu e meus eus: leitura e escrita de diário em uma Unidade de Internação Feminina. **Revista Letras Raras.**, v, 6, n. 3, 2017. Disponível em: <<http://revistas.ufcg.edu.br/ch/index.php/RLR/article/view/859>>. Acesso em 15 ago. 2018.

FERNANDES, C. A. **Análise do Discurso: reflexões introdutórias**. 2. ed. São Carlos: Claraluz, 2007.

FREDERICO, G.; MOLLO, L. T.; DUTRA, P. Q. “Eu sou uma mulher negra escrevendo”: entrevista com Lívia Natália. **Estud. Lit. Bras. Contemp.**, Brasília, n. 51, p. 281-285, ago. 2017. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2316-40182017000200281&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 19 ago. 2018.

HIRATA, H. Gênero, classe e raça Interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. **Tempo Soc.**, São Paulo, v. 26, n. 1, p. 61-73, jun. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702014000100005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 01 out. 2018.

HOOKS, B. Mulheres negras: moldando a teoria feminista. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, nº16, p. 193-210, jan./abr. 2015. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/rbcp/article/view/15309/10931>>. Acesso em: 19 set. 2018.

JESUS, C. M. de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. 8. ed. São Paulo: Ática, 2005.

KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. **Ler e compreender**: os sentidos do texto. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

LUGONES, M. Rumo a um feminismo descolonial. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 22, n. 3, p. 935-952, dez. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2014000300013&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 19 set. 2018.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In.: DIONISIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Org.). **Gêneros textuais e ensino**. 2. ed. RJ: Lucerna, 2003.

MILAN, L. P. Escrita de si e diários: construções do gênero diante de paradigmas socioculturais. **Revista Brasileira de História e Serviços Sociais**, v. 8, n. 15, jul. 2016. Disponível em: <<https://www.rbhcs.com/rbhcs/article/view/382/257>>. Acesso em: 25 ago. 2018.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2012.

PALMA, D. As casas de Carolina: espaços femininos de resistência, escrita e memória. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 51, 2017. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n51/1809-4449-cpv.51.a-18094449201700510016.pdf>>. Acesso em: 15 ago. 2018.

PEIXOTO, M. E. G.; ALENCAR, C. N. de; FERREIRA, R. O objeto da ideologia na teoria crítica do discurso. **Ling. (dis)curso**, Tubarão, v. 18, n. 1, p. 215-233, Jan. 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-76322018000100215&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 04 out. 2018.

PENTEADO, G. A árvore Carolina Maria de Jesus: uma literatura vista de longe. **Estud. Lit. Bras. Contemp.**, Brasília, n. 49, p. 19-32, Dez. 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2316-40182016000300019&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 14 set. 2018.

SILVA, M. O. da S. Pobreza, desigualdade e políticas públicas: caracterizando e problematizando a realidade brasileira. **Rev. Katál.** Florianópolis v. 13 n. 2 p. 155-163 jul./dez. 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rk/v13n2/02.pdf>>. Acesso em: 10 ago. 2108.

SILVA, R. J.; ALMEIDA, R. A. Literatura e resistência: a voz marginalizada da periferia como empoderamento popular. **Revista Virtual de Letras**, v. 9, n. 1, jan./jul. 2017. Disponível em: <<http://www.revlet.com.br/artigos/445.pdf>>. Acesso em: 24 set. 2017.

Enviado em: 05/10/2018

Aceito em: 21/11/2018